

Além da Crise

Dúvida EXT

A entrevista do ministro Bresser Pereira ao JORNAL DO BRASIL e *Le Figaro* abre várias janelas pelas quais se pode enxergar além da crise da dívida externa brasileira; mas fecha o horizonte em outros pontos, nos quais reflete o ideário dos segmentos mais à esquerda do PMDB e os interesses da tecnoburocracia.

Quando o ministro afirma que é impossível para os países endividados conviver com taxas de juros em alta, sua mensagem tem um significado além da lamentação de um dos maiores membros do bloco dos devedores. As altas taxas de juros inibem o ajustamento das economias mundiais, e não estão sujeitas a soluções unilaterais, mas a uma ação conjunta dos bancos centrais, ministros do Tesouro e presidentes das nações mais ricas.

No epicentro do terremoto que atinge as economias mais desenvolvidas, e levou as bolsas de valores de roldão, encontra-se o elevado déficit público americano. A diferença entre o déficit gerado em Washington e o gerado em Brasília mede-se, porém, com escalas diferentes. O Brasil não emite papel-moeda contra o mundo, nem participa diretamente dos encargos com o jogo pesado dos interesses da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), ou diretamente das duas superpotências, Estados Unidos e União Soviética.

Quando, portanto, o ministro coloca a questão brasileira em uma perspectiva internacional, o cenário fica incompleto, porque faltam as sombras que pesam sobre a economia doméstica, algumas delas reconhecidas pelo Sr. Bresser Pereira, como quando menciona "a resistência da burocracia estatal à privatização".

Corre-se, portanto, o risco, no Brasil de agora, de superdimensionar os efeitos da crise externa para justificar ou esquecer os problemas

domésticos. É como se os erros do mundo absolvessem todos os nossos pecados.

Ora, com ou sem crises cíclicas, com ou sem ondas longas de Kondratiev, a economia mundial aberta se recicla para melhor, enquanto os países que se encapsulam e se isolam vão ficando para trás. A China saiu do isolamento maoísta para superar a falta de tecnologia em que mergulhou depois de ganhar a guerra. Japão e Alemanha, apesar de perdedores, foram buscar no alto dinamismo do comércio exterior a receita de riqueza com a qual o marco e o iene superaram o dólar americano. As menores taxas de produtividade, ao contrário, encontram-se no ilhado leste europeu. Na Grã-Bretanha, cuja economia perdeu dinamismo pelo excesso de protecionismo dos trabalhistas, o reencontro com a capacidade competitiva está ocorrendo sob a batuta de um governo conservador que restabeleceu a competição até na City de Londres.

O ministro Bresser Pereira tem razão ao mencionar a necessidade de mecanismos de longo prazo para refinar os países endividados. Serão louváveis os acordos — ainda quando parciais e provisórios — que possam abrir caminho para normalizar as relações do Brasil com os bancos estrangeiros. Mas é preciso deixar de lado a insistência no endividamento, passando para o capital de risco. O modelo do endividamento é velho e surrado, e gerou as pilhas de dívidas impagáveis.

É preciso criatividade para buscar o capital fixo como sócio do progresso brasileiro, contribuindo, aí sim, para que o mundo supere a crise na qual mergulhou, e o capital produtivo tome o lugar do capital especulativo ou a filosofia do *rentier* descomprometido com a geração de riqueza e empregos.